

Herdando a guerra na forma de vida: aflição, morte, perda

Clara Han¹

Tradução de Matheus Menezes² e Luís Augusto Meinberg Garcia³

Resumo: Os estudos antropológicos sobre a senilidade e a realidade clínica da demência têm questionado como a perda de memória coloca em questão a noção de pessoa baseada no reconhecimento. Na tentativa de recuperar a pessoa, os relatos etnográficos têm se centrado no cuidador como a personagem com cujas coordenadas da realidade podemos nos relacionar, pois estão situadas no tempo cronológico e podem ser moldadas dentro do gênero narrativo. Este ensaio se afasta tanto do cuidador como personagem quanto do sujeito do adoecimento como a pessoa com demência e, em vez disso, busca apresentar cenas marcadas pela aflição. Ao apresentar essas cenas em vez de narrativas bem ordenadas, elas podem nos mostrar que não podemos delimitar ou definir antecipadamente sobre o que a história “trata”: a aflição pode ser ao mesmo tempo a história da demência, a história da guerra e a história do parentesco.

Palavras-chave: Guerra da Coreia; Demência; Cenas; Descrições; Memória.

INHERITING WAR IN A FORM OF LIFE: AFFLICTION, DYING, LOSS

Abstract: Anthropological scholarship on senility and the clinical reality of dementia have asked how the loss of memory puts into question a personhood based on recognition. Attempting to recuperate the person, ethnographic accounts have focused on the caregiver as character whose coordinates of reality we can relate to, because they are set within chronological time, and can be molded into the narrative genre. This essay shifts off of the caregiver as character and the subject of illness as the person with dementia, and instead attempts to render scenes marked by affliction. Rendering as scenes rather than as well-ordered narratives can show us that we cannot bound or define in advance what the story is “about”: affliction can be at once the story of dementia, the story of war, and the story of kinship.

Keywords: Korean War; Dementia; Scene; Description; Memory.

“Extinção em massa”. Nos dias que seguiram à morte de meu pai, essas eram as palavras que conseguia juntar para descrever ritmos domésticos que não faziam mais sentido. A agitação do cuidar: correndo para cima e para baixo para ver como meu pai

¹ Professora de Antropologia na Johns Hopkins University. E-mail: clarahan@jhu.edu. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4039-4000>.

² Doutorando pelo PPG-LETRA (FFLCH-USP). Pesquisador na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: matheus.menezes@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1473-0675>.

³ Doutorando em Ciências Sociais pelo PPGCS/Unifesp. Pesquisador na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: luís.meinberg@unifesp.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2325-7461>.

estava ajudando-o a se banhar, trocando o curativo de suas escaras, virando-o e segurando suas mãos. Com um álbum de fotos de Hamheung, perto da cidade natal do meu pai, para ele ver, viro a página a cada um de seus acenos. Minha filha Ella está no chão, desenhando figuras em um grande papel. A história de Mina, nossa cuidadora domiciliar, em um barco no mar azul, cuidando de uma baleia ferida que eventualmente a leva a uma ilha de flores. Mina que disse que ficaria comigo até o último momento.

O corredor e as escadas carregam o rastro da morte. Misturada às painéis está a tigela de metal que usava para escovar os dentes de meu pai todas as manhãs. Maarten, meu companheiro, havia reformado o apartamento do meu sogro logo após sua morte, sabendo que não suportaria ficar enfiado no espaço agonizante. A bancada de fórmica foi arrancada e substituída por uma tábua de açougueiro que ele mesmo cortou. O armário que guardava a morfina e o Ensure⁴ foi tirado da parede. As paredes foram alisadas e pintadas de um branco suave. O chão de linóleo coberto por bambu de tons claros. A luz do sol entrava pelas janelas da cozinha sobre a nova mesa de madeira clara com quatro alegres cadeiras amarelas. Quando entro no apartamento, ao passar pela cozinha e ver a sala de estar, vejo meu pai, ouço sua respiração. Antes da doença nos acometer, ele podia se sentar à mesa e observar a floresta. No pijama de flanela que comprei, ele lia *The sympathizer*, de Viet Thanh Nguyen, livro que minha irmã lhe deu logo que ele veio morar comigo. Lentamente, a demência dificultou acompanhar uma história, seguir os enredos, manter os personagens fixos. Não chegou ao final do livro. Mas então, eu também estava em um enredo: “Eles estão bem? Todos estão bem? Eles conseguiram sair da montanha?”, meu pai me pergunta. “Sim, Andy, Alyse e Mike [meus irmãos], sim, estão todos bem — não se preocupe, pai — a família está a salvo.”

Neste ensaio, escrevo de um espaço em agonia e aflição. Faço isso para perguntar como, ao aprender sobre a doença, a agonia e a morte, não apenas aprendemos sobre um mundo marcado pela guerra, mas também o que importa na cura de um mundo destruído. Pesquisas antropológicas sobre senilidade e a realidade clínica da demência têm questionado como a perda da memória põe em xeque uma noção de pessoa [*personhood*] baseada em reconhecimento. A pessoa com demência perde a habilidade de recontar sua biografia ou sua história de vida em forma narrativa, em uma sequência cronológica de eventos que seguem ao longo da vida. A pressão às pesquisas, para alguns, é a de recuperar os gestos e as pequenas ações, apartadas de coordenadas estáveis de tempo, lugar e pessoa, mas que, mesmo assim, são significativas para seus portadores. É lapidando a atenção a esses pequenos gestos e ações que certa recuperação do estado de ser se torna possível para quem sofre de demência, de modo que a própria perda de memória também seja possibilidade para novas conexões (Taylor, 2008). Contudo, outras pesquisas entendem a recuperação do estado de ser como expressão de uma política de reconhecimento: não se trata necessariamente de que tais gestos sejam recebidos ou ouvidos. Essa atenção é alcançada de forma distinta. Tais estudos perguntam: ao exigir essa atenção, não estaríamos apenas reinstaurando o problema do estado de ser sob outras formas (Cohen, 2008)? E pode-se contrapor: não é a própria natureza da atenção algo que nunca está garantido, sendo sempre alcançada de forma precária?

Nesse debate sobre estado de ser e reconhecimento, me impressiona o fato de que, para o escritor, o cuidador, o antropólogo, as coordenadas de tempo, lugar e pessoa

⁴ Nota dos tradutores: Ensure é um suplemento alimentar utilizado em dietas para idosos.

são apresentadas de forma estável para o leitor, sendo estáveis para aqueles parentes, aqueles cuidadores. O que se capta, em termos de descrição, é o acompanhamento desses gestos, dessas palavras ou vozes específicas, que são, *a priori*, assumidos como aquilo que seria indicativo da experiência da demência ou senilidade. Sendo assim, a descrição é estritamente focada no cuidador como personagem com cujas coordenadas de realidade nós nos identificamos, por estarem inseridas no tempo cronológico e por poderem ser moldadas ao gênero narrativo. O sujeito da doença aparece aqui como a pessoa com demência. Mas e se deslocássemos o cuidador como personagem e, em vez de tomarmos a pessoa com demência como objeto da doença, tentássemos transmitir cenas marcadas pela aflição? Aqui, a descrição da demência “demandaria a *descrição de como contar uma história* como se a pessoa estivesse localizada não dentro do corpo, mas na rede de relações, afetos e encontros que o corpo se torna para ser expressivo, algo que poderíamos chamar de alma” (Das, 2015, p. 87). A doença, então, não está localizada apenas no corpo, como se fosse possível apontar para ela. Temos de ver e perceber onde a doença reside, como está embrenhada em relações e como suas expressões estão incrustadas nas palavras. A experiência da demência é profundamente desorientadora, distorcendo não apenas a capacidade de contar e recontar uma biografia, mas também a genealogia, as gerações, toda experiência do tempo. Ela pode revelar correntes ocultas absorvidas na vida cotidiana, mas também vai além dos vocabulários de que lançamos mão. Retratá-la como cenas, em vez de narrativas bem ordenadas, pode nos mostrar que não devemos reduzir ou definir de início “sobre” o que a história é: aflição pode ao mesmo tempo ser a história da demência, a história da guerra e a história do parentesco. Vou me alongar mais sobre o método na descrição, guiada pelos escritos de Veena Das sobre violência, cotidiano e aflição.

Descida

Em seu trabalho sobre violência e cotidiano, Veena Das aprimora um método que denomina “uma descida ao ordinário”, no qual permite que a particularidade das mulheres com quem trabalhou tão de perto marque seu corpo de trabalho diurna e repetidamente, a ponto de o cotidiano ser percebido como “repleto de encontros que constroem e destroem o mundo, que podem se desenrolar em poucos segundos ou ao longo de uma vida” (Das, 2015, p. 54). Esse é um “método de paciência crítica” que aproxima intimamente a etnografia da biografia e abre novos caminhos para a descrição. Ao prestar atenção às sutis forças adjacentes e aos momentos fugazes, Das evidencia como aqueles momentos vistos como “menores” na narrativa, ou mesmo apagados em uma narrativa organizada, podem revelar os limites das formas de vida ou o florescer da vida em meio à devastação.

Por exemplo, mulheres lhe contaram, sem ela perguntar, como lhes deram vidro moído ou pesticidas, oferecidos pelo irmão ou pelo pai, durante o período dos motins da Partição. Diziam a elas que seja lá o que se passasse, não caíssem nas mãos de um muçulmano. Essas são palavras que não estão em casa, não são absorvidas pelos ritmos da vida cotidiana. Das chama essas palavras de “não narrativas dessa violência”: “Tais palavras foram proferidas e registradas por outros pesquisadores, mas é como se o contato com essas palavras, portanto o contato com a própria vida, tivesse sido queimado ou entorpecido” (Das, 2007, p. 90). Por outro lado, cenas em que mulheres

estão sentadas nas ruas de Sultanpur em meio a ruínas e destroços da violência massiva contra os *sikhs*, cabelo desgrenhado e a recusa ao banho, incorporando silenciosamente a poluição da morte, evidenciam como o mitológico é recrutado para viver uma situação; ou seja, o mitológico entra na atualidade através de seu recrutamento espontâneo pelas mulheres e por Das. Portanto, o mitológico já está enterrado e absorvido na forma de vida. A descrição dessas cenas, então, não toma a forma de uma narrativa em que se possa apontar para enredo ou personagens.

Em seu trabalho sobre a aflição, Das chama atenção para palavras deslocadas e figuras menores a fim de realocar a narrativa da doença. Se essa narrativa foi desenvolvida, em grande medida, em virtude da necessidade de trazer a experiência do paciente e do cuidador de volta ao encontro clínico que havia sido tão dominado pela biomedicina, ela também foi acompanhada por uma desconfiança em relação ao gênero: a narrativa da doença cria um falso senso de conexão com o protagonista por meio de uma leitura sentimentalista? A leitura sentimentalista apaga as reais condições em que desigualdade e sofrimento são produzidos no mundo? A atenção de Das ao modo autobiográfico de escrita é instrutiva: “Não há dúvida de que a circulação de certos motivos e a padronização de modelos como as ‘fases da doença ou da trajetória da morte’, em que o paciente é visto como passando ordenadamente da negação à aceitação diante de um diagnóstico difícil, quase exige uma hermenêutica da suspeita em relação às narrativas da doença. Mas pode-se perguntar: por que isso não seria o começo da história, ao invés do seu fim?... No entanto, aqueles que escrevem sobre as próprias experiências de doença são cautelosos para que sua experiência não seja tão simplesmente assimilada aos modelos que outros têm do que é sofrer... A questão não é empatia, mas a capacidade de prestar atenção, de conseguir ouvir as palavras de dor de uma forma que exija tato, delicadeza e compreensão da própria finitude” (Das, 2015, p. 211). Permitam-me destacar e enfatizar a redefinição de Das para “prestar atenção”, que passa de privilegiar o visual (o que nossos olhos são atraídos a observar, o que vemos) para o auditivo (o ouvido que ouve por acaso, que ecoa, que ressoa, a melodia ouvida de forma diferente). A experiência da doença pode assumir a forma narrativa, mas também pode transcender essa forma, precisamente porque a voz humana pode ser alcançada e perdida.

O que Das sugere aqui é que a forma de descrição tem uma conexão com essa capacidade de prestar atenção, de tal modo que permite revelar o que é compartilhado entre o escrito autobiográfico e a etnografia. Os gêneros que utilizamos, ou que nos são impostos, por exemplo, as narrativas bem ordenadas, com enredos e personagens definidos, ou a forma como localizamos o mitológico, podem tanto mostrar nossa relação com nós mesmos como fantasmagórica quanto indicar caminhos para prosseguir: uma cena inteira da vida pode nos parecer estranha, como uma criança pode experimentar ao pairar na beira do social; ou se estamos perdidos em nossas vidas, podemos nos lembrar de como esta ou aquela palavra foi usada. Prestar atenção nos pede que escutemos de novo, repetidamente. Permitam-me agora voltar-me para cenas da vida doméstica e da aflição. Como aqueles de vocês que leram *Seeing like a child* sabem, meu pai veio morar comigo em Baltimore, após ter sofrido um pequeno derrame (possivelmente múltiplos), que fazia parte do desenrolar de uma demência vascular. Vocês também sabem que nossa família é o que se chama de “família separada”, pois temos parentes — uma das irmãs mais velhas de meu pai, seu irmão mais novo e sua mãe — que permaneceram no Norte quando o paralelo 38 foi endurecido nas duas Coreias.

Uma irmã aparece

Escrito em 2020. Alguns meses atrás, quando meu pai ainda conseguia se levantar da cama sozinho e andar com seu andador, em grande parte sem ajuda, voltei para casa e o encontrei no quarto do anexo. Ele estava sentado na cadeira, de frente para a cômoda em que guardava suas roupas. Uma cômoda (com os móveis preciosos que ele havia comprado com minha mãe) que meus irmãos e eu havíamos mandado trazer, no ano passado, da casa dele em Los Alamos, Novo México, onde crescemos, para Baltimore, depois do derrame. As roupas estavam espalhadas pelo chão. A cômoda estava vazia. Ele estava sentado na cadeira, olhando pela janela.

Eu havia acabado de buscar Ella na pré-escola. Ao entrar na ponta dos pés no apartamento do *haraboji*, diz: “Vamos ver como está o *haraboji*”. Quando Ella vê meu pai sentado, normalmente se joga inteira sobre ele, como num abraço de urso. Mas, ela parece saber que algo está errado. Fica na soleira da porta do quarto.

Eu: “Pai, você está bem? O que está acontecendo?”

Pai: “Estou de mudança. Tenho que empacotar isso tudo (ele aponta para as roupas). Mas não sei como vou empacotar toda essa mobília.”

Eu: (Um senso de alarme; isso é o delírio causado por uma ITU, outra infecção, um mini AVC? Mas tentando manter a calma) “Pra onde você vai?”

Pai: (Olhando para mim da cadeira, uma risada permeada por perplexidade, um puro e desconcertante aturdimento) “Eu não sei.”

Eu: (Mudando de rumo, tentando acalmar meu pai e, talvez mais ainda, a mim mesma) Mas, pai, precisamos falar primeiro com o Andy (meu irmão gêmeo). “Ele empacotaria tudo para você. Ele é quem cuida dessas coisas.”

Pai: “Andrew, sim, sim, ele cuida dessas coisas.” (Ele aponta para pedaços diferentes de mobília — isso e isso, precisa empacotar).

Eu: “Sim, vamos falar com Andy. Andy vai cuidar disso, mas isso leva tempo.”

Visto meu pai e o ajudo a se levantar, segurando-o pela parte de trás das calças com minha mão direita. Minha mão esquerda está no andador, dando direção.

Eu: “Vamos para a cadeira marrom.” (na sala de estar de seu apartamento). (Ella segue, quieta, intrigada)

Ao alcançar a cadeira, meu pai me pergunta: “Como você sobrevive a isso?” Eu pergunto: “Você quer dizer, como eu sobrevivo...?” “Não, quero dizer, como sobrevive a isso. Sempre de mudança, de lugar para lugar.” “Espera. Pai, nós moramos aqui.” “Aqui? Espera. Moramos nesta casa.” “Você vive nesta casa?” “Espera. Pai, nós moramos aqui. Essa é nossa casa. Moramos juntos.” Balançando a cabeça, “Isso não faz sentido, não.” “Onde eu moro então?” A mesma risada perplexa, “Eu não sei.” “Espera, pai, quem sou eu?” Meu pai ri: “Por que está me perguntado isso?” Mas conheço essa risada. É a risada que preenche os buracos sempre mutáveis da memória. Ella se junta com sua voz de três anos de idade: “Mamãe, você é a mamãe, mamãe.”

Por um momento, poderia ser que eu fosse a irmã jovem entre as mais velhas de meu pai, aquela que ficou no Norte com o irmão mais novo e a mãe, aquela que se escondeu quando o Exército da Coreia do Norte estava recrutando à força mulheres escolarizadas para trabalhar como enfermeiras após o irromper da guerra? Essa é a irmã que aparece em seus sonhos (os quais ele não chama de sonho, porque essa fronteira

também não existe, assim como dia e noite). Aquela que tem a marca vermelha no rosto. A irmã cuja mão parece com a dele e com a da sua mãe.

Meu pai se senta na poltrona reclinável marrom. Ligo a televisão: PBS Great Performances. Lang Lang tocando Concerto para piano nº 24 de Mozart, com a Cleveland Orchestra, regida por Franz Welser-Möst, na celebração de seu centenário. É difícil dizer que esse é o programa “favorito” de meu pai, já que não sei o que “favorito” significa no contexto da doença. Mas é um programa que Ella assiste com meu pai várias e várias vezes. Ella pula para cima e para baixo: “O condutor!”. Dança tão perto da televisão que impossibilita meu pai ter uma visão completa da tela. Mas ele a observa com os olhos bem abertos, entretido, enquanto Ella vai, levanta os braços, subindo e descendo com as mãos em pequenos punhos, as pernas saltitando. Ella olha para meu pai: “Haraboji, olhe!”. Ella o reivindica como avô, me reivindica como mãe, une as gerações. Minha tia, a irmã de meu pai, momentaneamente ganha forma e, em seguida, escapa novamente.

“Aqui *haraboji* (avô) coma uma *bindaeduc* (panqueca coreana)”

Hora do jantar. Maarten está no balcão, cortando vegetais. Tampas de panela tilintam, uma faca faz *tak tak* sobre o bloco de madeira. Huchu, o cachorrinho preto e fofinho, me segue enquanto coloco comida na sua tigela. Arrumo a mesa, olho o relógio, esmago os remédios do meu pai até virarem um pó fino e os misturo a uma colher de iogurte para esconder o amargor. Já faz um tempo que ele não consegue engolir comprimidos. Afasto a Dot, nossa gata malhada, empurrando-a para fora do balcão enquanto ela cheira os “remédios” do meu pai. Ella está em algum lugar, correndo por aí, talvez na sala de brinquedos montando Lego ou picotando papel para “alimentar a bebê coruja” (uma corujinha rosa do tamanho da palma de sua mão) ou papeando com sua amiga imaginária “bem pequenininha”, Madeline (personagem da série de livros *Madeline*).

Maruysa é uma mulher búlgara que cuida do meu pai das 18h às 9h nos dias de semana. Ela o ajuda com as escadas, segurando a parte de trás de sua calça com uma mão para apoiá-lo, enquanto ele se esforça para avançar com o andador. As pernas são fracas por causa dos derrames; o corpo inclina para a esquerda. Quando está cansado, as pernas cedem. Ela o ajuda com o elevador que instalamos em casa. Embaixo, a porta de vidro do elevador faz “click”. Todos reconhecemos aquele “click”. Ele nos coloca em movimento. De manhã, o “click” significa que coloco o *juk* (mingau) quente do meu pai em uma tigela para levar à mesa; passo seu café e adiciono um pouco de creme; puxo a cadeira para que ele possa se aproximar da mesa. À noite, é o sinal para colocar a comida na mesa, cortar os alimentos para que ele consiga engolir, posicionar sua cadeira.

Ella interrompe o que está fazendo e volta ao corredor, onde o elevador deve surgir. Deitada de barriga no chão, Ella conta a boa notícia: “A bebê coruja está comendo sua comida!” ou “Olha, um avião (Legos)” ou “Vamos comer maaacaaaarrão!”. Maruysa ri: “Oh, eu te amoooo, tão fofa”. O elevador para. Ella abre a porta. “Obrigado, Ella”, diz Maruysa. Segura meu pai com as duas mãos enquanto Ella abraça com força a perna do *haraboji* e corre para a mesa, puxando para fora a cadeira do meu pai e escalando a sua própria.

Mas essa noite, algo está errado. Os olhos do meu pai estão amarrotados com uma preocupação diferente — não é a preocupação da luta para andar, é outra coisa. “Você está bem, pai?”

Maruysa: “Ele continua perguntando ‘Cadê minha esposa’?. Digo que ela morreu.”

Meu pai se volta para mim, apoiado no andador, pernas cedendo: “Cadê a mãe?”

Surpresa, pergunto: “Você quer dizer sua mãe ou a minha?”

Pai: “Sua mãe, minha esposa.”

Hesito: “Pai, a mãe faleceu.”

Ele me olha incrédulo: “Não, não pode ser.” Maruysa está na frente dele, e seus olhos se enchem de lágrimas. Ela gagueja: “Oh, que tristeza.” Minha mente acelera. O peito aperta. Li muito sobre cuidados com demência: pode ser mais fácil para o paciente com demência sustentar ficções para não “reviver o luto” — então a esposa não morreu, está apenas visitando alguém. Mas esse tipo de recomendação é destinado a cuidadores que não são parentes, para pessoas com demência pacientes em instituições. Eu não posso criar uma ficção com a morte da minha própria mãe. Não posso reafirmar para o meu pai que ela está viva, que viajou ou foi ao mercado. Não consigo por mim, mas também porque Ella está no sofá, com *hashis* de Pororo-o-pinguim em uma mão, mastigando um *bindaeduc*, ouvindo tudo. Não posso criar uma ficção sobre a morte da avó. Tudo isso passa pela minha cabeça em questão de segundos.

Meu pai se senta na poltrona. Os olhos marejam. Estou checando seu nível de açúcar, espetando seu dedo, deixando que a gota de sangue seja sugada para a pequena faixa de teste. Ele diz novamente: “Não pode ser. Mas você diz...”. Sento-me. Ella está entre nós. “Pai, a mãe estava doente, você cuidou dela. E, por ela estar doente, você nos criou.” “Mas...”

Ella desce da cadeira, passa a mão nas costas da cadeira do avô e se inclina para abraçá-lo enquanto caminha. Pega um pratinho do corredor e o coloca próximo à mão de meu pai. Seus braços alcançam a mesa para colocar o prato lá, sua cabeça logo acima da altura da mesa. Ela escala de novo a cadeira, a barriga do Pororo dança enquanto ela pega um *bindaeduc* e o coloca no prato do avô. “Aqui *haraboji*”, ela diz, “come um *bindaeduc*”. Meu pai ama *bindaeduc*. É a comida da infância. Stella, a cuidadora do período diurno, os prepara, e sempre deixa o suficiente para dividirmos no jantar. Meu pai pega um com as mãos e começa a comer. Ele acena com a cabeça e diz: “Delicioso.” “Legal, Ella.” “Obrigado, Ella.” “Isso é muito legal, Ella.” Todos nós concordamos. Com bigode de leite, ela come outro pedaço de *bindaeduc*, como se não fosse necessário agradecer (mas é sim) — é o que ela faz, ou é apenas o que pode ser feito. Outra noite, juntos, pode começar. Mas ao longo do jantar, lampejos de confusão e preocupação surgem no rosto de meu pai. Vendo-o assim, meu peito se estreita, mesmo enquanto estamos papeando felizes com Ella.

Após o jantar, Ella deixa a mesa. Com os olhos e a cabeça, indico para Maarten que preciso falar com meu pai a sós. Estou alarmada com a desorientação repentina em uma região da memória que havia permanecido relativamente intacta. Preciso avaliar a situação. Ella parece compreender que precisa nos deixar sozinhos — evita a mesa, evita me chamar como de costume. Meu pai me pergunta sobre a mãe de novo: “Cadê a mãe? Você disse...”

Eu: "Pai, isso é difícil. A mãe teve um AVC. Ela faleceu faz quase 25 anos."

Pai: "Oh... é mesmo. Talvez eu me lembre um pouco, Ron (amigo dele) carregou o caixão, o funeral. Abaixou-o à sepultura."

"Sim, Ron. Ele estava lá." (Invento isso porque não me lembro de Ron estar presente.) "Pai, acho que você está com dificuldade de se lembrar que a mãe morreu porque talvez esteja com ITU. Pode ser temporário, pai. Pode ser apenas uma pequena confusão." Olhando para a janela, fixando algo lá fora, meu pai assente: "Uh-huh."

Pergunto: "Consegue me dizer o nome dos seus filhos?" Ele responde: "Você é Clara, seu irmão gêmeo é Andrew, sua irmã é Alysia. Tenho três filhos." Ele se esquece de Mike, meu irmão mais velho. Digo: "Tem também o Mike, o mais velho." "Michael, sim." (Ele diz isso de um modo que faz parecer não estar convencido da existência de Mike; um sentimento similar à nebulosa incerteza que envolve o fato de minha mãe ter morrido. Uma memória tão vaga que pode ser um sonho.) Cada vez mais preocupada (seria outro AVC? Uma ITU? Como a doença de minha mãe pode ter se perdido na memória dele, algo que tanto o marcou?). Ligo para meu irmão Andy pelo FaceTime. Andy diz para nosso pai: "A mãe estava doente, ficou em coma. Ela morreu de pneumonia." Digo a Andy, sem meu pai escutar: "Andy, ele precisa aliviar um pouco a morte da mãe. Está em um momento difícil." Meu pai, chorando e rindo ao mesmo tempo, diz a Andy: "Andy, estou confuso." Andy responde: "Eu sei, pai. Tudo bem."

"Quando o *haraboji* for uma árvore, vou regá-lo"

Os dias e as noites passam. É hora de Ella dormir. Ella está sentada em sua cama e eu me sento do lado dela. Estamos lendo um livro ilustrado chamado *Up the mountain path*, de Marianne Dubuc. A história é sobre gerações e herança. A senhora Badger vive no pé da montanha. Ela é muito velha. Todos os domingos, sobe uma trilha até o topo, prestando atenção ao entorno: ajuda uma tartaruga que está de cabeça para baixo, colhe cogumelos para sua amiga raposa e cumprimenta os pássaros. Até que, um dia, sente que está sendo observada. Um par de pequenos olhos espreita por trás de um arbusto enquanto ela faz uma pausa para um lanche. Convida quem quer que seja para se juntar a ela. Dos arbustos surge uma gatinha chamada Lulu. Lulu quer chegar ao pico da montanha. No início, acha que não consegue, mas quando está pronta, a Sra. Badger está lá para acompanhá-la. As duas sobem juntas todos os domingos, até que a Sra. Badger fica tão velha que não consegue mais chegar ao topo. A última vez em que a vimos, Lulu estava ao lado da cama, contando-lhe todas as maravilhas da montanha. Na cena seguinte, Lulu parece sozinha no cume: "Aos poucos, a montanha da Sra. Badger se torna a montanha de Lulu".

Ella me interrompe quando fecho o livro, empurrando minha mão para aquela página novamente.

Ella: "Mamãe, a *halmoni* (avó) morreu?"

Eu: "Sim, a *halmoni* morreu. Ela estava doente. Ela morreu quando a mamãe era mais velha. Mas tudo bem."

Ella: "Para onde ela foi quando morreu?"
Eu: "Ah, é como a árvore que vimos na floresta. Ela foi enterrada no solo e, mais tarde, se transformou em uma árvore."
Ella: "A *halmoni* se transformou em uma sementinha?"
Eu: "Bem, acho que sim, mais ou menos. Ela se transformou em algo diferente."
Ella: "Você não pode falar quando morre?"
Eu: "Não, não pode. Pelo menos não da mesma forma que falava antes..."
Ella: "Eu não posso falar com a *halmoni*?"
Eu: "Não, não como fala comigo ou com o *haraboji*. Quando você morre, não é a mesma coisa."
Ella: "O vovô está morrendo?"
Eu: "Sim. Ele está morrendo."
Ella: "Ele vai morrer?"
Eu: "Todos nós morreremos, Ella. Mas sim, ele pode morrer antes."
Ella: "Então ele vai se transformar em uma árvore. Quando o vovô for uma árvore, eu vou regá-lo."

Dias depois. Nossa casa fica no topo de uma colina. Ella e eu caminhamos pela sinuosa estrada que leva até lá. As árvores cobrem o lugar. Folhas vermelhas, laranja, amarelas e marrons caem na rua, amontoando-se nas margens da estrada. Aponto para as folhas: "Uau, olha como são lindas!" Ella aponta para as árvores: "Todas essas árvores são pessoas que morreram?" De repente, também vejo as sombras dos mortos nas árvores. Eu digo: "Talvez, Ella". Ella pergunta: "Mas quem cuida de todas essas árvores? Quem as rega?"

No verão de 2024, encontro a professora Seongnae Kim em Seul. Conceituada antropóloga, especialista em xamanismo coreano, tem trabalhado extensivamente as formas pelas quais as práticas xamânicas absorveram as atrocidades em massa cometidas pela polícia sul-coreana, pela fascista Liga Juvenil do Noroeste e pelas forças militares norte-americanas de ocupação na Ilha de Jeju entre 1948 e 1953, no que se tornaria a Coreia do Sul. Com olhar sincero, pergunta: "Então, você está bem? Não foi muito difícil para você viajar?" Ela explica que, após a morte de um dos pais, os filhos entraram em um período de luto de três anos. Conta sobre uma amiga que recusou todas as viagens para palestras durante três anos: "A alma está aflita".

Setembro de 2021. Meu pai está morrendo. Ele já não consegue sair da cama. Maarten fixa a TV na parede para que ele possa ter uma visão melhor sem precisar mover o corpo.

Ella (que acabou de completar 5 anos): "O *haraboji* gosta de assistir TV?"
Eu: "Sim, acho que ele gosta muito de assistir TV."
Ella: "Por que ele gosta tanto?"
Eu: "Bom, porque é difícil para o *haraboji* se movimentar, então é algo que ele pode fazer sem se mexer muito."

Ella: "Ele pode ligar a TV e ver o que está acontecendo na Coreia. Então ele vai poder ir para lá. Mas ele vai ver na TV que não pode ir para a Coreia porque tem uma guerra."

Eu: "Bem, ele também não pode ir porque não consegue se mover muito bem. Mas nós já fomos à Coreia..."

Ella: "Quero dizer, o espírito dele. Os espíritos da *halmoni* e do *haraboji* podem ir para a Coreia e para a casa deles, porque podem atravessar a DMZ⁵. Os espíritos podem atravessar uma cerca!"

Eu: "É verdade, Ella. Mesmo que haja uma DMZ, mesmo que haja arame farpado, ninguém pode impedir os espíritos de irem para o Norte, de voltarem para casa."

Ella: "*Halmoni* está com *haraboji*. *Halmoni* pode ver *haraboji*. Ela vai ver o *haraboji* em breve?" (ênfatizando, em tom de pergunta)

Eu: "Você quer dizer que o *haraboji* vai ver a *halmoni* em breve?"

Ella: "Sim, o *haraboji* vai ver a *halmoni* em breve. Então, eles vão atravessar a DMZ."

Enquanto segurava a mão do meu pai ao longo de sua última semana de vida, observando sua respiração, de olhos fechados, o que me vinha à mente era a sensação das palavras da escritora Han Kang, repetidas no terceiro capítulo do livro *A vegetariana* (Kang, 2007), quando a protagonista Young-hy estava morrendo: 시간이 흐른다, "o tempo flui, o tempo passa". Não se trata do passar de um tempo cronológico vazio, mas sim de um tempo lento e denso, que revela as diferentes texturas do isolamento tanto da protagonista quanto de sua irmã, ambas, em certo sentido, permanecendo desconhecidas ou à beira do desconhecido (Han, 2007).

"Eu vejo você"

"Seu pai não pode abrir a boca." Mina me chama e eu corro escada abaixo para ver meu pai. Ele não consegue engolir a própria saliva. "Pai, pai. Pai, você está bem?" Seguro suas mãos. Ele acena com a cabeça: "Sim." Mas cai para a frente, em direção à mesa. Eu o seguro. Vamos levá-lo de volta para a cama. Chame a enfermeira. Stephanie diz: "Vamos ver como ele fica no dia seguinte. Se ele não comer ou beber por dois dias, isso pode ser o início da morte". Ligo para minha irmã e meu irmão. Minha irmã diz: "Vamos esperar para ver". Meu irmão gêmeo diz: "Estou saindo. Você quer que eu vá até aí para ajudar?" Mais um dia, vamos esperar. Ella desce as escadas. Senta-se à mesa do meu pai e, com um marcador amarelo, escreve em uma folha de papel: "Eu te amo", com o "O" em forma de coração. Cola o papel logo abaixo da lareira, na altura dos olhos dele, visto da cama. Meu pai está dormindo.

No jantar daquela noite, sentamos Maarten, Ella e eu. Ella pergunta: "Onde está o *haraboji*? Ele não vai subir?" Digo que o *haraboji* não consegue agora, e que, se ele não conseguir comer por mais um dia, o tio Andy e Imo (tia) virão para Baltimore, porque então ele estará morrendo.

⁵ Nota dos tradutores: A DMZ (zona desmilitarizada) é uma faixa de terra da Península da Coreia que opera como uma barreira vigiada e controlada, separando a Coreia do Norte — oficialmente, República Popular Democrática da Coreia — e a Coreia do Sul — oficialmente República da Coreia.

Chega o dia seguinte. Ainda sem comer. Lá em cima, almoço com Ella. Lá embaixo, meu pai morre aos poucos. Estou envolvida numa névoa. “Ella, se o *haraboji* não comer mais tarde hoje ou amanhã, tio Andy e Imo vão vir aqui. Eles vão ajudar.” Ela pergunta: “Posso ver o tio Andy e a Imo?” “Sim, mas isso só se o *haraboji* não comer. Porque quando ele parar de comer, estará morrendo. E então você também terá que se despedir.”

Ela interrompe o pão com queijo. Olha para cima. Silêncio. “Ok. Então terei que escrever histórias de despedida. Haverá doze corujas, e a mamãe está morrendo e então as corujas terão que se despedir da mamãe?” Ela vai para o quarto de brincar e começa a desenhar as histórias.

A enfermeira vem à tarde. “Lembre que você tem a morfina.” Mina, com uma risada quase desconfortável, diz: “Você sabe, seu pai tem chamado você de mãe: ‘Ouço a mamãe lá em cima. A mamãe vai descer?’”. Entende o que isso significa?

No último mês de vida, meu pai me chamava de “irmã”; ficou surpreso quando eu disse ser sua filha, e deu uma gargalhada: “Não, você não é minha filha, você é minha prima. Seu pai veio da China, mas decidi não falar sobre isso.” E agora ele me chama de “mãe”. São as mulheres de quem ele se separou quando fugiu para o sul com o irmão mais velho — as mulheres que permaneceram no Norte. Será que todo esse cuidado, enquanto estava morrendo, tornou possível que ele curasse, de alguma forma, a família separada?

Talvez tenha sido também a perda de memória causada pela doença — uma perda que não é esquecimento, mas a desapareição da raiva e do ressentimento em relação aos próprios filhos — que recriou o ordinário. A perda não era apenas dele. A doença me levou a esquecer essa raiva, ou pelo menos a lembrá-la de forma diferente, para que eu pudesse cuidar dele. Mas, então, o que pensar do fato de que, enquanto ele dava seus últimos suspiros, tudo o que eu conseguia pensar em dizer era: “Obrigado por nos deixar cuidar de você”.

Quando meu irmão gêmeo Andy e minha irmã chegaram, meu pai acordou. E despertou incrivelmente lúcido, embora sem conseguir engolir. Ele diz: “Eu estou melhorando, não é?”. Uma semana confusa. Minha irmã senta perto do meu pai, segurando-lhe a mão, assistindo ao programa da PBS, NewsHour com Judy Woodruff, Great Performances. Andy, talvez precisando de algo para fazer, arranca a pia do banheiro e a substitui por uma pia da IKEA, que faz barulho durante a noite inteira. Meu pai fica acordado em diferentes horários durante o dia e a noite, confundindo os limites com que trabalhamos para estabelecer distinção entre os períodos diurno e noturno: troca de roupas, abertura das cortinas, mudança para a cadeira de rodas, postura ereta. Não mais. Ele começa a recuperar a capacidade de engolir a ponto de tomar iogurte. Mas continua acamado, usando uma bata de hospital. Com Andy e Alyse, conseguimos oferecer cuidados 24 horas, cada um de nós em turnos de 8 horas, sempre em duplas. Duas pessoas são necessárias para levantá-lo e virá-lo, uma de cada lado da cama. Papai ri: “Ainda bem que tive tantos filhos”.

Mas a semana passa e eles se perguntam: quanto tempo isso vai durar? Eles podem se afastar do trabalho e dos filhos? Andy e Alyse voltam para suas casas. Dizem que voltarão se parecer que ele está entrando em fase terminal. Ficamos Maarten, Ella e eu, com a cuidadora Mina. Mina sabe que ele está morrendo; ela não vai me deixar sozinha. Ela me diz: “Não se preocupe, Clara, posso trabalhar até mais tarde”. Tenho que começar a dar aulas. Não há licença médica ou familiar remunerada. É início de semestre.

Dou banho no meu pai com Mina, administro morfina, troco o curativo nas úlceras de pressão. Depois, corro para o andar de cima para dar aula pelo Zoom para alunos de graduação. Morrendo encasulada — negada no íntimo — por causa dessa instituição de, assim chamado, ensino superior. Depois da aula, corro escada abaixo. Mina me chama: “Clara, Clara, seu pai está chamando você”. Papai sussurra: “Um conjunto de roupas”. “Para você? Você quer usar roupas?” “Não, um conjunto de roupas para a menina. [Aponta com a cabeça na direção de Mina] “Compre um conjunto novo de roupas para ela e eu pago.” “Ahhhh. Entendi. Não se preocupe, cuido disso. Mas shhh, é um segredo entre nós dois.” Ele dá uma risada fraca, sorri. Tudo bem, pai, eu aperto seu ombro, sentindo os ossos na minha mão. “O que seu pai disse?” “Ele disse que queria comprar um conjunto novo para você. Para agradecer por cuidar dele.” Mina fica com lágrimas nos olhos: “Ahhhh, fiquei arrepiada...”

Ella começa o jardim de infância. Corre pelo campo em direção ao prédio da escola, dizendo com determinação: “O *haraboji* vai viver até o meu aniversário”. 8 de setembro — aniversário de Ella e do Mike, filho mais velho que se afastou do meu pai. Ele consegue. Apenas alguns dias após o aniversário deles, meu pai entra em insuficiência respiratória e preciso administrar doses altas de morfina, suficientes para deixá-lo inconsciente, mas ele acorda uma última vez quando Andy e Alyse chegam. Ele olha para cada um de nós, virando a cabeça: “Eu vejo vocês”. “Eu vejo vocês”. “Eu vejo vocês”. Dizemos: “Estamos todos aqui, pai, seus filhos estão aqui”. Um coletivo que também poderia incluir nosso irmão Mike, incapaz de se convencer a vê-lo nos últimos dias de vida.

Depois que ele parou de respirar — duas expirações profundas que senti na minha mão no peito dele —, Andy e eu saímos. As árvores estavam envoltas em neblina. Olhamos para aquela enorme casa castanha no topo da colina, onde meu pai havia passado os últimos anos da sua vida. Todo esse cuidado. O cuidar também foi uma resposta à dor do meu pai — melhor dizendo, foi por meio desse cuidado que pudemos imaginar a dor dele, e ele pôde imaginar a própria dor — para se libertar das memórias do que havia feito aos filhos e à esposa, nossa mãe, para permitir que cuidássemos dele. Eu me transformei em sua irmã, sua prima e sua mãe, curando parcialmente uma família separada, reabitando esse mundo despedaçado. Acordei Ella depois que meu pai morreu, às 4 da manhã. Ela se levantou imediatamente e correu escada abaixo. Diante do corpo dele, ela e o primo Thomas, ambos com 5 anos, fizeram *jesa*, a reverência, o início do ritual para tornar o morto um ancestral.

Retorno à discussão sobre hábitos que descrevo no meu livro *Seeing like a child*, como cuidar de cada detalhe para deixar meu pai confortável e para ajudá-lo a estabelecer uma rotina. Eu havia escrito sobre esse cuidado: “Maarten e eu criamos uma infraestrutura de cuidados para meu pai e para Ella que é tão sólida, tão previsível, que suas arestas são palpáveis. Não sei por quanto tempo podemos fazer isso, penso. Dias e noites são esse trabalho doméstico, salpicado por explosões imprevisíveis de veneno do meu pai: “Você sempre foi uma menina tão egoísta” (Han, 2021, p. 142).

Esse mesmo cuidado, no entanto, tornava difícil, talvez até impossível, perceber o significado do cuidado, precisamente por estar disperso nos hábitos e na rotina. Na verdade, a segurança do hábito era, às vezes, a maneira que eu tinha de me proteger das minhas próprias falhas em cuidar, diante do cansaço extremo causado pelo fechamento da creche e pela perda dos cuidadores do meu pai por meses na pandemia. Só agora consigo perceber o peso esmagador desses cuidados, ao olhar para os ombros pequenos

de Ella e ver quanto coloquei sobre eles, inclusive o peso de estar aprendendo palavras para me manter viva. Quanto desse conhecimento sombrio ela absorveu? Quando eu simplesmente não conseguia dar atenção aos detalhes que importavam, como segurar a mão do meu pai, assistir a um programa de TV com ele ou encontrar o humor seco e rápido dentro de mim para fazer uma piada irônica para aliviar as humilhações do fim da vida com demência, eu me perguntava como meu pai conseguiu fazer isso continuamente por nós, até pouco antes de a morfina fechar seus olhos.

Acho que ainda não compreendo plenamente o significado desse cuidado, nem para mim nem para ele. Em uma conferência em Roma, um ano após a morte dele, jantamos com Veena e Ranen em um terraço. Veena perguntou a Maarten quais eram seus pensamentos durante o tempo em que cuidamos de meu pai, comentando que, ao refletir sobre cuidado, via Maarten e eu como um só. Maarten respondeu: “Bem, em nossa família tivemos esse tipo de ruptura entre pais e filhos, e meus pais sempre disseram que isso não deveria acontecer conosco. Então, simplesmente tivemos que cuidar do pai de Clara. Não havia escolha”. Veena disse: “Bem, essa é uma resposta um tanto estoica, mas se você pensar sobre...” Virei-me para olhar para Maarten, cujo rosto estava corado de emoção. Ele pegou sua bebida. Veena fez uma pausa. Ela me disse: “Acho que talvez, com todo esse cuidado, seu pai tenha conseguido se perdoar”. Embora naquele momento eu tenha dito “Mas a doença também fez com que ele perdesse as memórias”, lembro-me de como minha irmã segurou a mão dele e disse: “Você já se redimiou o suficiente. Você está perdoado, pai, pode deixar isso para trás. Todos nós ficaremos bem.” E foi assim que, ao cruzar a fronteira, ele se perdoou — pelo menos é isso que espero, pois sem essa esperança, o significado do cuidado jamais se revelaria.

As memórias das crianças são frágeis. Ella percebe isso. Lembro-me da dor lancinante dos dias que se seguiram à morte do meu pai, quando fiquei em frente à porta do quarto da Ella (que havia acabado de completar 5 anos) ouvindo-a tagarelar até adormecer, chamando pelo *haraboji*, sentindo que a sua capacidade infantil de lembrar talvez não fosse suficiente para satisfazer sua necessidade de lembrar.

“*Haraboji*, você pode me ver, mas eu não posso ver você. Quero ouvir sua voz. Sinto sua falta, *haraboji*. Eu me lembro de quando você almoçava lá fora. Eu me lembro de almoçar lá fora com você, com o tio Andy, a tia Moon e suas duas filhas, Darcy e Yuna. Eu me lembro... Eu me lembro que você estava lá fora com a Mina... A Mina estava ajudando você. Lembro-me... Eu me lembro... (pausa e voz mais alta). *Haraboji*, você é tão importante. Você é importante. Importante. Daqui a três dias será o Dia de Ação de Graças, e eu tenho que dizer isso rapidamente no Dia de Ação de Graças, que eu me lembro. Vou vestir meu *hanbok* no Dia de Ação de Graças, fazer uma reverência e dizer tudo muito rápido para você (ela fala mais rápido).”

Na aflição, onde a perda de memórias na demência e o trabalho de cuidado transformaram o ordinário, a fragilidade da memória na infância torna-se uma iniciação a uma forma de vida. Essa sensação de fragilidade estimula a criança a projetar seus próprios desejos: aprender que chamar *haraboji* é também dar-lhe um corpo, torná-lo presente para ela.

Quase três anos após a morte do meu pai, minha irmã e eu, nossos filhos e nossos parceiros vamos à DMZ, em Goseong, no lado leste da península, onde há muitas praias.

Há poucos visitantes nessa área. Um senhor idoso, de boné de beisebol e óculos escuros, está acompanhado por uma mulher mais jovem, talvez sua filha, com um vestido preto de verão e segurando um guarda-sol sobre o rosto. Ele mal precisa olhar pelos binóculos que estão alinhados no *deck* com vista para a costa nordeste da Coreia. “Ali”, ele aponta, “ali está nossa cidade natal, 고향”. A cidade está fisicamente muito perto. Respiramos o mesmo ar, sentimos o mesmo calor do sol. Será que minha tia e meu tio no Norte sobreviveram? Será que tenho primos, sobrinhas e sobrinhos do outro lado dessa zona militarizada?

Ela, agora com quase 8 anos, olha através dos binóculos e pergunta: “Onde fica a cidade natal do *haraboji*?” Não podemos ver Sinheung da DMZ. Ela fica atrás da curva da costa. Explico isso para ela enquanto me abraça: “Tudo bem, mamãe.” Mais tarde, caminhando pelas montanhas Seorak, encontramos um bando de borboletas brancas. Ela diz: “O vovô e a vovó estão aqui! Eles estão ao nosso redor!” Se toda uma cena da vida pode ser estranha para a criança porque ela está aprendendo a descrever o mundo à margem da vida social, talvez possamos ouvir nas palavras dessa criança toda uma cena da vida em que estamos, de algum modo, voltando para casa.

Referências bibliográficas

- Cohen, L. (1998). *No aging in India: Alzheimer's, the bad family, and other modern things*. University of California Press.
- Cohen, L. (2008). Politics of care: commentary on Janelle S. Taylor On recognition, caring, and dementia. *Medical Anthropology Quarterly*, 22(4), 336–339.
- Cohen, L., & Liebling, A. (Eds). (2006). *Thinking about dementia: culture, loss, and the anthropology of senility*. Rutgers University Press.
- Das, V. (2007). *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. University of California Press.
- Das, V. (2015). *Affliction: health, disease, poverty*. Fordham University Press.
- Dekker, N. L. (2023). Anticipatory grief in dementia: an ethnographic study of loss and connection. *Culture, Medicine and Psychiatry*, 47, 701–721.
- Gjødeshøl, I. M., & Svendsen, M. (2018). Time and personhood across early and late-stage dementia. *Medical Anthropology*, 38(1), 44–58.
- Han, C. (2021). *Seeing like a child: inheriting the Korean War*. Fordham University Press.
- Kang, H. (2007). 채식주의자. 경기도 파주시, 창비.
- Kleinman, A. (2019). *The soul of care: the moral education of a husband and a doctor*. Viking.
- Taylor, J. (2008). On recognition, caring, and dementia. *Medical Anthropology Quarterly*, 22(4), 313–335.